



Onde já se viu?

*Textos especialmente revistos
pela Autora para esta edição.*

Onde já se viu?

© Tatiana Belinky, 2003

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Preparação dos originais	Maria Luiza Xavier Souto
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisão	Andréa Medeiros Luciene Lima

ARTE

Projeto gráfico	Silvia Massaro
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 Desenvolvimento Editorial e Eduardo Rodrigues

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B38o

Belinky, Tatiana, 1919-

Onde já se viu? : antologia / Tatiana Belinky ; ilustrações Orlando – São Paulo : Ática, 2004
il. - (Para Gostar de Ler Júnior ; 5)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-09247-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Folclore – Literatura infantojuvenil. I. Orlando, 1959-. II. Título. III. Série.

05-0391.

CDD 0285
CDU 0875

ISBN 978 85 08 09247-5 (aluno)

CI: 731910

CAE: 223122

2019

1ª edição

16ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.coletivoleitor.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Onde já se viu?

antologia

TATIANA BELINKY



Ilustrações
ORLANDO

ea
editora ática

Maiores por dentro do que por fora



Eu, que desde pequena li muito, sempre gostei de ler crônicas. Primeiro em russo e alemão, e depois, quando “aterrizei” no Brasil aos dez anos de idade, em português. E que riqueza de crônicas encontrei neste lindo idioma!

Mas o que é uma crônica? O dicionário diz que é “um pequeno conto de assunto indefinido”, o que me soa como uma simplificação no mínimo “preguiçosa”. Para mim, uma crônica é um pedacinho colorido da grande e variada colcha de retalhos que é a vida de uma pessoa – qualquer pessoa! “Assunto indefinido”, nada! Cada crônica trata de um assunto diferente e muito definido, isso sim! Assunto alegre ou triste, cômico ou dramático, poético ou banal, irônico ou filosófico, e por aí vai...

Bem, o resultado é que, de ler muitas crônicas, um belo dia comecei eu mesma a escrevê-las. Tanto que tenho vários livros de crônicas já publicados. E quando os jovens leitores me perguntam de onde eu

tiro todas essas ideias, eu respondo: dos meus “ouvidos de escutar” e dos meus “olhos de ver”, arregalados para o mundo e para a vida que me rodeia.

O dia a dia não precisa ser extraordinário para ser interessante. O cotidiano é riquíssimo de assuntos e “acontecências” de toda espécie – fora e dentro da gente, sabiam? É só ficar com as antenas ligadas – as antenas da curiosidade, dos sentidos e dos sentimentos, do senso crítico, do senso poético, sem esquecer do importantíssimo e indispensável senso de humor.

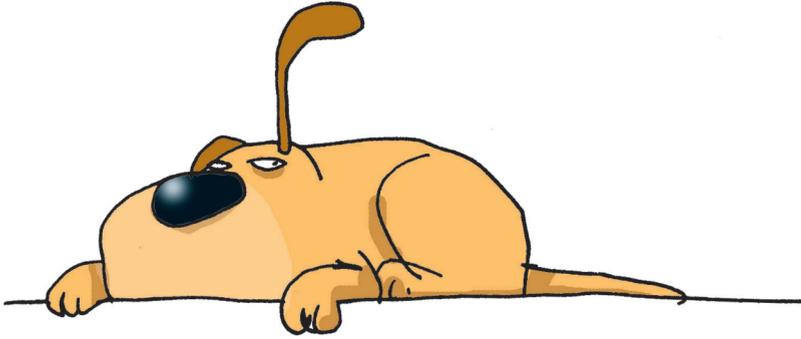
Entretanto, nem só de crônicas vive este livro. Na parte final, ele oferece a vocês dez outros textos, que são dez contos: histórias curtas e fáceis de ler, mas que, como as crônicas, são maiores por dentro do que por fora.

Sim, é isso mesmo, porque são textos que dizem muito com poucas palavras e falam de coisas pra lá de diversas: coisas poéticas, fantásticas, folclóricas, humorísticas, históricas, bíblicas, mitológicas, lendárias, antigas, atuais... Vocês vão ver! E o interessante é que esses contos curtos têm origens as mais diversificadas, de outros países, outros povos, outras épocas, outros idiomas, outros jeitos de encarar a vida e o mundo.

Mas sabem o que é o melhor? É que cada leitor tem o seu jeito especial e pessoal de ler e de curtir essas histórias todas. Até porque cada cabeça é diferente da outra, não só por fora, como também por dentro. Felizmente, não é? Assim, resulta que cada história é uma porção de histórias – sacaram?

Não é uma coisa mágica? Eu acho...

Tatiana Belinky



Sumário

Coisa de criança



<i>Para que, mesmo?.....</i>	13
<i>Onde já se viu?.....</i>	16
<i>Verdades e mentiras</i>	19
<i>Orelha furada.....</i>	22
<i>Ovo quente.....</i>	25
<i>O troco.....</i>	28
<i>Culpa de quem?</i>	30
<i>Palavrões.....</i>	32

Quando eu era criança



<i>Bruxas.....</i>	37
<i>Bidínsula.....</i>	40

<i>Os espinhos da Rosa</i>	44
<i>Estrela de circo</i>	47
<i>Férias</i>	50
<i>Peguem suas moedas</i>	53
<i>Noite de terror</i>	56
<i>Na cadeira da dentista</i>	58

Mundo animal



<i>Emedobê</i>	63
<i>O espetáculo deve continuar!</i>	66
<i>Instinto?</i>	69
<i>Um manso rouxinol</i>	73
<i>Romeu e Julieta</i>	76
<i>Joly</i>	79
<i>Saudável apetite</i>	83

Histórias de todo o mundo



<i>A luva</i>	87
<i>A barrica curandeira</i>	89
<i>A lebre e a lua</i>	92
<i>O cigano e o lote do diabo</i>	95
<i>O olho cobiçoso</i>	98
<i>Moisés salvo das águas</i>	101
<i>Viola no saco</i>	104
<i>Guilherme Tell</i>	106

<i>Lorotas de pescadores</i>	109
<i>A pequena bailarina</i>	111
Referências bibliográficas	113
Tatiana Belinky	115



Coisa de criança

Criança faz cada pergunta... E o pior é que a gente nem sempre tem uma resposta para dar. Você, por exemplo, sabe para que serve o umbigo?



Para que, mesmo?

Crianças são criaturas práticas e objetivas, que estão em pleno processo de aprendizado do mundo e querem saber, entre outras curiosidades, da utilidade das coisas. Todas as coisas, inclusive uma coisa como... o umbigo. Algum de vocês, leitores de qualquer idade, que tiveram de enfrentar filhos, irmãozinhos, sobrinhos ou netos, na idade do “por quê” e “pra quê”, já se viu na situação de ter de responder a um personagem de três ou quatro anos para que serve o umbigo? E não me venham com a história do cordão umbilical, o tal que, ligando o nenê à mamãe, o alimenta dentro da barriga grávida: esta explica para que servia o umbigo antes de o nenê nascer, não para que serve agora.



Já acharam a resposta? Não? Então vou contar-lhes um caso verídico, que aconteceu recentemente com uns amigos meus. Seguinte:

O papai estava fazendo a barba, de calça de pijama e, como é de praxe em tais circunstâncias, de umbigo à mostra. A filhinha de três aninhos observava atentamente a fascinante operação, quando, de repente, disparou a tal pergunta:

– Papai, pra que serve o umbigo?

O progenitor, tomado de surpresa, começou a gaguejar:

– O umbigo? Bem... o umbigo... quer dizer... você disse o umbigo?

E foi quando o filho maior, três anos mais velho e muito sabido, acudiu em socorro do papai atropelado:

– Deixa que eu conto pra ela! Foi quando Deus estava fazendo as pessoas. Cada vez que Ele acabava uma, cutucava ela na barriga, com o dedo, assim, e dizia: “Tu tá pronto... Tu tá pronto... Tu tá pronto!”. Então o umbigo é a marca que ficou do dedo de Deus!

Não sei de onde o garotinho tirou essa explicação científica, que me cheira a anedota de caipira. Enfim, é uma hipótese como outra qualquer. E, no caso presente, parece ter sido satisfatória para a curiosa irmãzinha.

O que me remete a outro caso, na mesma ordem de ideias, este acontecido com o meu próprio filho, o Ricardo, outro dia – uns quarenta anos atrás.

Ricardinho começou a falar cedo, e falava bem, corretamente, tropeçando, aos três aninhos, em apenas duas palavras: *bicicleta*, que para ele era *bilisqueta*, e *macaco*, que ele pronunciava *camaca*. Palavras essas que por sinal incorporamos ao léxico familiar: até hoje, de vez em quando, eu digo *camaca* e *bilisqueta* – entre outras engraçadas e úteis palavrinhas que aprendi com sobrinhos, netos e outros cidadãos miúdos.

Mas voltemos ao caso do umbigo. Reparei que o Ricardinho, que falava tão corretamente, deu para dizer “o meu bigo”, “o bigo do papai”, “o bigo do nenê”; era *big*o pra cá, *big*o pra lá, até que eu resolvi corrigi-lo: